



Prática Educativa

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROFGEO: Trabalho de Campo em Jaguariaíva-PR como Espaço Formativo no Ensino de Geografia

Thiago Luiz Calandro¹
thiago.calandro@ifpr.edu.br

Resumo

Organizada pelos docentes do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia (PROFGEO), a atividade de campo realizada em Jaguariaíva-PR teve como objetivos centrais a formação continuada de professores, a abordagem interdisciplinar da realidade e o fortalecimento da autonomia docente. A proposta buscou articular teoria e prática no ensino de Geografia, promovendo a construção de conhecimentos significativos e a reflexão cidadã. A metodologia adotada seguiu os princípios do estudo do meio, estruturando-se em três etapas: planejamento, execução e avaliação. Foram visitados seis pontos estratégicos da cidade, como o Laboratório de Paleontologia do IFPR, o Frigorífico e o Palacete Matarazzo, o Parque Municipal Lagoa Azul, o Afloramento de Fósseis Devonianos e o Parque Linear do Rio Capivari. As atividades envolveram observações in loco, registros fotográficos e análises interdisciplinares, articulando conteúdos físicos, históricos, sociais e ambientais. A experiência evidenciou o potencial do campo como espaço de aprendizagem significativa, permitindo aos participantes desenvolver uma leitura crítica da dinâmica socioespacial local. Ao romper com a linearidade curricular e valorizar práticas pedagógicas contextualizadas, a atividade reafirmou o papel do professor como mediador do conhecimento e agente de transformação no ensino de Geografia.

Palavras-chave: Estudo do meio; Ensino de Geografia; Autonomia docente

Introdução

Este relato apresenta uma experiência de trabalho de campo realizada em novembro de 2024 com mestrandos do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede (PROFGEO) dos Institutos Federais do Paraná e Santa Catarina, em Jaguariaíva-PR. Organizada pelos docentes do programa, a atividade teve como objetivos centrais a formação continuada de professores, a abordagem interdisciplinar da realidade e o fortalecimento da

¹ Doutor pela UNESP de Rio Claro; Docente do IFPR Jaguariaíva e Professor no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede (PROFGEO- IFPR).

² Doutor pela UEPG. Docente do IFPR Jaguariaíva e Professor no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede (PROFGEO-IFPR).

³ Doutor pela USP. Docente do IFC Brusque e Professor no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede (PROFGEO-IFC).

autonomia docente, visando à construção de conhecimentos geográficos significativos e à promoção da reflexão cidadã.

A iniciativa justifica-se no contexto de currículos nacionais e estaduais que impõem abordagens prescritivas e desconectadas das realidades locais, conforme criticado por Goodson (2020). Tais currículos simplificam de maneira reducionista a relação entre teoria e prática social, gerando representações estereotipadas da vida coletiva. Esta fragilidade torna especialmente urgentes práticas pedagógicas críticas que respondam à complexidade socioespacial, concebida por Massey (2008) como palco de coexistência temporal onde passado, presente e futuro ressoam desigualmente no tecido social.

Diante da incapacidade das prescrições homogeneizantes em explicar realidades dinâmicas, o estudo configura-se como "prática insurgente" (Straforini, 2018), metodologicamente ancorado no estudo do meio (Pontuschka, 2009). Esta abordagem restaura o papel do professor como mediador intelectual, transformando o ensino de Geografia em movimento de reflexão emancipatória que supera simplificações e capacita leituras críticas do espaço vivido.

A persistência de abordagens descritivas e mnemônicas na Geografia Escolar brasileira - explicada por fatores epistemológicos e políticos (Cabral, 2023; Cavalcanti, 2018) - contrasta com o processo de renovação iniciado nos anos 1980. Este foi impulsionado pela Geografia Crítica e por contribuições pedagógicas de Vygotsky, Freire e outros, que promoveram maior contextualização e interdisciplinaridade nos documentos oficiais e práticas docentes (Cavalcanti, 2019).

Contudo, as inovações não se consolidaram amplamente devido a obstáculos estruturais como formação continuada insuficiente, desvalorização profissional, currículos prescritivos e redução da carga horária da disciplina (Giotto; Mormul, 2019). Tais desafios reforçam a necessidade de iniciativas como esta, capazes de fomentar ensino contextualizado que auxilie os estudantes a se "localizarem qualitativamente" no mundo (Martins, 2007), dialogando com realidades locais e desafios contemporâneos.



Metodologia

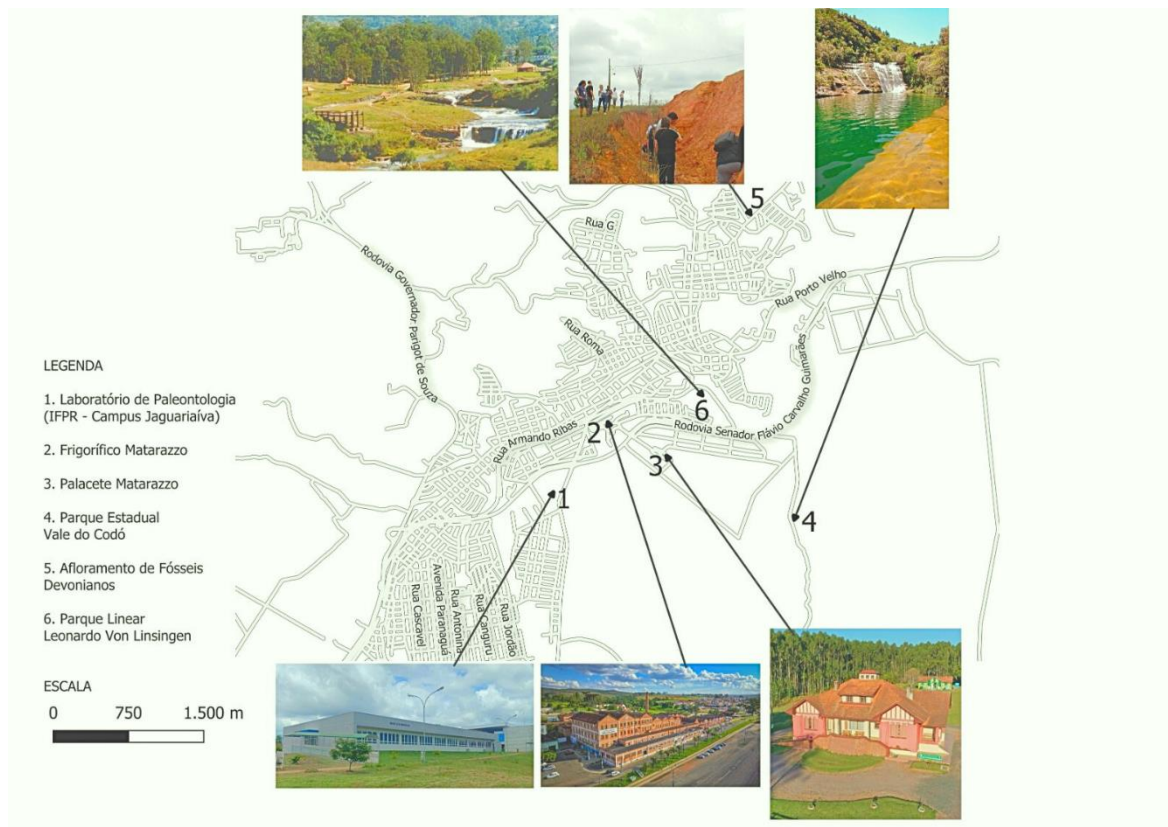
A metodologia do trabalho de campo em Jaguariaíva-PR estruturou-se em três etapas interligadas: planejamento, execução e avaliação. Fundamentada nos princípios do *estudo do meio* (Pontuschka, 2009) e numa abordagem qualitativa, a proposta priorizou a articulação entre teoria geográfica e observação empírica, com base em referenciais como Cavalcanti (2019), Straforini (2018) e Roque Ascensão e Valadão (2014). Inicialmente, selecionaram-se seis pontos estratégicos que representam dinâmicas socioespaciais locais, sistematizando conteúdos essenciais para análise interdisciplinar (Tabela 1) e mapeando conexões com os currículos oficiais.

A proposta metodológica do estudo do meio, conforme Pontuschka (2009), destaca-se pela interdisciplinaridade, permitindo uma compreensão mais próxima da realidade. Os pontos selecionados exigem uma análise que articule conhecimentos espaciais, dialogando com aspectos sociais, biológicos e físicos do município de Jaguariaíva – PR. A imagem abaixo mostra os pontos escolhidos para a visita.

Durante a execução, as visitas ao Laboratório de Paleontologia, Complexo Matarazzo, Parque Vale do Codó, Afloramento Devoniano e Parque Linear Leonardo Von Linsingen incorporaram técnicas diversificadas: observação *in loco*, registros fotográficos, produção de croquis e explicações com autores e pesquisadores locais. Essas atividades visavam problematizar fenômenos geográficos mediante três eixos analíticos: a) *Problematização* dos espaços (Cavalcanti, 2019); b) Compreensão da *espacialidade* mediante conceitos estruturantes (Roque Ascensão e Valadão, 2014); c) Articulação escalar entre processos locais e globais (Straforini, 2018).

Após a escolha dos pontos, foi realizada a sistematização dos conteúdos essenciais para a explicação dos fenômenos observados. Nesse processo, a diversidade de formação dos organizadores, ainda que todos pertencentes à área da Geografia, desempenhou um papel fundamental, enriquecendo as análises e abordagens. Além disso, fomos acompanhados do guia de turismo à época, Jeferson dos Santos.

Imagem1: Pontos de visitação para a realização do trabalho de campo em Jaguariáiva -PR



Fonte: OpenStreepMaps. Organização: Marcos Leonardo Colpani.



A tabela abaixo apresenta os conteúdos inicialmente planejados.

Tabela 1 — Planejamento e Conteúdo a Ser Abordado

Ponto	Sistematização / Atividade
1) Laboratório de Paleontologia (IFPR Campus Jaguariaíva)	- Contextualização do trabalho de campo e dos aspectos geológicos e paleontológicos do município de Jaguariaíva.
2) Frigorífico Matarazzo	- Industrialização e urbanização do Brasil no Século XX; relações de trabalho; vazios industriais; imigração; formação territorial do Sul do Brasil; fatores locacionais da indústria; utilização da matéria-prima local para construção de edificações; importância da ferrovia para o desenvolvimento local; processos de refuncionalização e ressignificação da paisagem.
3) Palacete Matarazzo	- Industrialização e urbanização do Brasil no Século XX; relações de trabalho; vazios industriais; imigração; formação territorial do Sul do Brasil; fatores locacionais da indústria; processos de refuncionalização; ressignificação da paisagem; espaço de memória e patrimônio cultural.
4) Parque Estadual Vale do Codó- Complexos de cachoeiras do Lago Azul	- Geodiversidade e biodiversidade; aspectos geológicos e geomorfológicos; geoturismo; áreas de conservação e preservação; vegetações relictas e paleoclima; impactos ambientais.
5) Afloramento de Fósseis do Devoniano	- Processos e tipos de fossilização; formações geológicas e tipos de rochas; técnicas de coleta de fósseis; interpretação de dados fossilíferos; geoconservação e geopatrimônio; ensino das geociências; importância histórica do patrimônio paleontológico.
6) Parque Linear Leonardo Von Linsingen	- Integração entre conservação ambiental e bem-estar social; espaço de memória; geografia urbana; planejamento urbano; educação ambiental; hidrografia.

Fonte: Os autores.

A coleta de dados integrou anotações, imagens e questionamentos dialógicos, garantindo registro multidimensional das análises. A etapa final de avaliação focou na reflexão sobre a eficácia formativa da experiência, reforçando o campo como espaço de mediação pedagógica insurgente contra currículos prescritivos. Todo o processo buscou-se interpretar espaço de maneira crítica, reflexiva, fruto de processos históricos e de relações de poder, conforme preceitos teóricos, metodológicos e epistemológicos da geografia.

O Campo

A visita ao Laboratório de Paleontologia do IFPR Jaguariaíva iniciou as atividades de campo do PROFGEO em novembro de 2024, servindo como introdução às dinâmicas físicas e culturais da região. Sob orientação do professor Lucinei, os participantes tiveram acesso às pesquisas paleontológicas desenvolvidas no mestrado, com destaque para o contexto geológico local e o patrimônio fossilífero, estabelecendo as bases teóricas para as observações posteriores.

O espaço configura-se como um polo dual: além de laboratório de pesquisa especializado no tratamento de material fóssil, funciona como centro de divulgação científica. Atende desde estudantes da educação básica em atividades didáticas até pesquisadores nacionais e estrangeiros, consolidando-se como referência no estudo do patrimônio geológico regional e janela para o passado paleontológico.

A visita ao Frigorífico Matarazzo (9/11/2024) proporcionou uma análise *in loco* das transformações espaciais e industriais de Jaguariaíva. Explorou-se a refuncionalização deste "vazio industrial", articulando fatores locacionais (logística, matéria-prima) com narrativas históricas sobre industrialização e relações trabalhistas. O complexo, construído nos anos 1920 pelas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, transformou a cidade de ponto tropeiro em polo econômico, fechando em 1964 e sendo reutilizado para fins comerciais a partir dos anos 1990.

A experiência integrou relatos orais do guia Jefferson Santos com referenciais teóricos como Brandão (2000) e Uchak (2024), problematizando condições de trabalho, greves históricas (1930 e 1936) e imigração pós-Primeira Guerra. A análise destacou como fatores locacionais (ferrovia, incentivos fiscais) e processos globais materializaram-se localmente, evidenciando a espacialidade dos fenômenos e a conexão entre escalas micro e macro.

A abordagem interdisciplinar revelou camadas do espaço - desde a estrutura física (tijolos de rochas devonianas) até conflitos sociais - convertendo o complexo em ferramenta pedagógica poderosa. Esta perspectiva permite formar cidadãos críticos capazes de compreender seu papel na construção do espaço geográfico, articulando memória, justiça social e transformações espaciais numa vivência educativa concreta.



A visita ao Palacete Matarazzo permitiu explorar arquivos históricos, registros fotográficos e réplicas dos ciclos industriais do século XX, fundamentais para compreender o impacto da família Matarazzo na formação regional. O espaço foi analisado como "lugar de memória" (Nora, 1993), destacando como suas dimensões material, funcional e simbólica coexistem dinamicamente, com ênfase na capacidade simbólica de cristalizar narrativas históricas através do tempo.

A análise revelou tensões entre memórias oficiais e subterrâneas: enquanto relatos orais (especialmente de idosos) tendem a romantizar o passado conforme Bosi (2004) e Halbwachs (1998), estudos como Uchak (2024) evidenciaram contradições nas relações trabalhistas - baixos salários, exploração e conflitos. Essa dualidade demonstra como o palacete encapsula disputas de poder na construção da memória coletiva do município.

A visita ao Parque Estadual Vale do Codó permitiu observar formações geológicas, fragmentos de cerrado relictos e impactos de plantios de *pinus*, contextualizando a paisagem através da *Teoria dos Refúgios* (Ab'Saber, 2010). Analisou-se como flutuações climáticas do Quaternário - especialmente durante o Último Máximo Glacial (26-19 mil anos atrás) e transição para o Holoceno - moldaram solos, relevo e distribuição biogeográfica, com enclaves vegetacionais que persistem como testemunhos paleoambientais.

A presença de extensos *pinus* e eucaliptos sobre vegetação relictas evidenciou o choque entre tempos geológicos e intervenções humanas contemporâneas. Esta "ecodinâmica artificial" (Tricart, 1977) - onde a polinização de espécies exóticas compromete ecossistemas nativos - exemplificou a sobreposição entre processos naturais e lógicas de mercado, transformando o parque em laboratório para analisar agronegócio e conservação.

A experiência articulou paleoclimatologia, biogeografia e geociências numa leitura crítica da paisagem, relacionando processos locais com dinâmicas globais (mudanças climáticas, pressões econômicas). Ao problematizar elementos como formações geológicas,

turismo e impactos antrópicos, reforçou-se o campo como espaço pedagógico para formação cidadã e significação do território através da integração teoria-prática.

No afloramento devoniano de Jaguariaíva, os participantes analisaram fósseis marinhos de 400 milhões de anos (braquiópodes, trilobitas) em siltitos e argilitos, cuja formação tafonômica indica deposição por ondas de tempestade (Petri, 1948). A atividade prática incluiu técnicas de coleta e interpretação paleoambiental, enquanto se discutiam ameaças da expansão imobiliária ao sítio fossilífero.

A experiência aplicou a abordagem hermenêutica de Frodeman (2001), demonstrando como vestígios geológicos reconstroem paleoambientes e elucidam processos de formação da paisagem. Esta prática não apenas reforçou o valor didático das geociências para compreender mudanças ambientais passadas e presentes, mas também destacou a urgência de projetos que aliem educação científica à conservação do patrimônio paleontológico ameaçado.

O Parque Linear Leonardo Von Linsingen, instituído em 1997 (Decreto Municipal 143/97), representa uma estratégia de revitalização urbana no Rio Capivari (Jaguariaíva-PR). Com mais de 500 mil m², integra recuperação de fundos de vale e proteção da microbacia, configurando-se como "infraestrutura verde" (Morsch et al., 2017) que alia conservação ambiental e bem-estar social. Classificado como Zona de Parque e Área de Preservação Permanente (Lei de Uso do Solo, 2018), transformou uma área historicamente marcada por enchentes (1954, 1989, 1997) – consequência de ocupação desordenada e supressão ciliar – em espaço multifuncional de convivência e memória.

A atividade pedagógica no parque explorou conteúdos como relevo, hidrografia e processos erosivos, utilizando observação direta e produção de croquis. Práticas cotidianas registradas – caminhadas, mirante, jardim sensorial e meliponário – evidenciaram a ressignificação do território: de área degradada e temida a lugar de pertencimento, conforme



Christan e Souza (2020). O rio Capivari, antes associado a riscos, transformou-se em eixo estruturante da qualidade de vida urbana através da apropriação simbólica e coletiva.

A análise integrada problematizou aspectos físicos, sociais e econômicos, relacionando a experiência local a processos globais como políticas ambientais e mudanças climáticas. Esta abordagem demonstrou o potencial do parque como ferramenta pedagógica para discutir desigualdades urbanas e sustentabilidade, consolidando-o como espaço vivo que articula cotidiano e a processos sociais da formação cidadã.

Considerações finais

A atividade de campo realizada em Jaguariaíva-PR, organizada pelos docentes do PROFGEO, revelou-se um espaço potente de formação, reflexão e construção coletiva de saberes geográficos. Mais do que uma saída técnica, o campo foi vivido como território de significação, onde os professores se colocaram como mediadores atentos à complexidade dos espaços e às vozes que neles ecoam.

Os subsídios para os objetivos propostos emergiram de forma orgânica ao longo da experiência:

- **Formação continuada de professores:** A vivência permitiu revisitar conceitos, ampliar repertórios e refletir sobre práticas pedagógicas, com base em observações, debates teóricos e contato direto com o patrimônio local.
- **Abordagem interdisciplinar da realidade:** Os locais visitados exigiram articulação entre diferentes áreas do saber, como história, economia, geologia e meio ambiente, evidenciando a complexidade dos territórios e a necessidade de diálogo entre disciplinas.
- **Fortalecimento da autonomia docente:** A construção colaborativa do roteiro e a escuta ativa do território estimularam uma postura investigativa e crítica, mostrando que o professor pode transformar o espaço vivido em conteúdo significativo.

A diversidade temporal dos espaços percorridos — ora marcados pela industrialização, ora pela presença ecológica ou pela dinâmica urbana — exigiu dos participantes uma leitura aprofundada e sensível, capaz de ir além das aparências e revelar camadas complexas da

realidade. Os subsídios gerados ao longo da atividade não se limitam a registros pontuais, mas se configuram como indicativos valiosos para uma prática docente mais crítica, situada e transformadora. A experiência vivida em Jaguariaíva reafirma que o ensino de Geografia, quando enraizado na concretude do território, tem o potencial de romper com a linearidade dos currículos e reconectar a educação ao mundo vivido — com os pés firmes no chão e o olhar atento ao que pulsa ao redor

Referências Bibliográficas

AB'SABER, Aziz Nacib. *A obra de Aziz Ab'Saber: o pensamento geográfico brasileiro*. São Paulo: EdUSP, 2010.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRANDÃO, Ângela. *Memórias: Frigorífico das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo em Jaguariaíva*. Curitiba: PNUD, 2000.

CABRAL, T. M. Geografia escolar brasileira e epistemologia da Geografia: teoria e prática na formação docente. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, v. 14, n. 24, p. 05–34, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.46789/edugeo.v14i24.1418>>. Acesso em: 26 jun. 2025.

CHRISTAN, P.; CAMILO DE SOUZA, V. Prática espacial cotidiana no processo de significação da aprendizagem em Geografia. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, v. 10, n. 20, p. 223–240, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i20.767>>. Acesso em: 26 jun. 2025.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Pensar pela Geografia: ensino e relevância social*. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

FRODEMAN, Robert. A Epistemologia das Geociências. In: MARQUES, Luís; PRAIA, João (coord). *Geociências nos currículos dos ensinos básico e secundário*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2001.

GOODSON, I. F. *Aprendizagem, currículo e política de vida: obras selecionadas*. de Ivor F. Goodson. Tradução de Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis: Vozes, 2020.

HALBWACHS, Maurice. A memória nos idosos e a nostalgia do passado. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 7, n. 21, p. 633–658, dez. 2008.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p

MARTINS, Elvio Rodrigues. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. *GEOUSP: Espaço e Tempo* (Online), v. 11, n. 1, p. 33–51, 2007. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/geousp/article/view/74047>>. Acesso em: 26 jun. 2025.



MORSCH, Simone; MASCARÓ, Luciana; PANDOLFO, Marília. Parques lineares e infraestrutura verde: reconectando cidade e natureza. *Revista Cidades Verdes*, v. 5, n. 1, 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7–28, 1993.

PETRI, S. Contribuição ao Estudo do Devoniano Paranaense. Boletim da Divisão de Geologia e Mineralogia. Rio de Janeiro, 129, 125p., 1948.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Telma Inês; CACETE, Neide Heloísa. *Para ensinar e aprender Geografia*. São Paulo: Cortez, 2009. 383 p.

ROQUE ASCENÇÃO, Valéria O.; VALADÃO, Roberto. Professor de Geografia: entre o estudo do conteúdo e a interpretação da espacialidade do fenômeno. *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, v. 18, n. 496(3), p. 1–14, 2014.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. *Estudos Avançados*, v. 32, n. 93, 2018.

TRICART, Jean. *Ecodinâmica: a adaptação dos organismos ao meio físico*. 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1977.

UCHAK, Franciele. “A gente via o vai e vem de pessoas que trabalhavam na fábrica: experiências em comum dos trabalhadores e trabalhadoras do Frigorífico Matarazzo em Jaguariaíva–PR (1920–1940)”. In: LOPES, Rafael Gustavo Pomim (org.). *Jaguariaíva 200 anos: história e memória*. Ponta Grossa, PR: Texto e Contexto Editora, 2024.